

Surge nova invasão à beira da Estrutural

DF - Cidade

Kátia Marsicano

Da equipe do **Correio**

As casas sequer podem ser chamadas de barracos. São tendas de loná preta e pedaços de carpete, onde à noite crianças e adultos se abraçam para espantar o frio. O lugar é no meio do mato, à beira da Estrutural — a DF-095, uma das principais vias de ligação entre o Plano e outras cidades.

Mas, apesar dos 25,5 mil carros que passam por lá todo dia, poucos devem ter observado o crescimento de mais uma comunidade marginal, atrás do *guard-rail*, ao lado da linha férrea. Mais uma invasão na capital planejada.

Todas as famílias catam papel, latinhas, papelões e pedacinhos de cobre que, com sorte, aparecem no meio do lixo. Amontoam tudo no quintal. São pouco mais de dez barracas, algumas erguidas até com relativo capricho, afinal precisam resistir às mudan-

ças do tempo. Os invasores chegaram há dois meses e não têm intenção de ir embora tão cedo. Até porque não têm para onde ir.

Francisco Bernardino da Silva, 52 anos, a mulher, cinco filhos e três netos estão quase perdendo a conta dos lugares por onde passaram. Da invasão do Areal, para o albergue de Taguatinga, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo e invasão do Espinheiro, no Guará. Há 10 anos vive como catador.

Para alimentar nove pessoas, sai cedo em direção ao Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), atrás dos contêineres. Quem puxa a carroça é o cavalo Azulão ou a égua Troncha. Por mês consegue pouco mais de R\$ 200,00. A mulher, Marina, e os

filhos Fabiano, 12, e Rafael, 10, também ajudam. Nenhuma das crianças frequenta a escola e nunca foram ao médico.

Só a filha Jane Cleide, 20 anos, esteve num hospital para ganhar Iris, 5 anos, Irineu, 4, e Ivani, 1 ano e meio. “A gente não fica doente, não”, garante a moça, acorada, enquanto lava as panelas numa bacia com água suja. Segundo ela, o único incômodo na comunidade de catadores são os carrapatos e os ratos.

Até o dia de vender o que arrecadam, uma vez por mês, os moradores se sustentam com o alimento doado pelo grupo de padres vicentinos, do Cruzeiro. Aliás, são as únicas pessoas que aparecem por lá.



Avenida Ceará, B-1

A poucos metros da casa de Francisco, outra família: a de Antonieta Alves, 46 anos, salga-deira profissional, e José Orlando Neto, 49, pedreiro experiente. Na porta do lar improvisado, o endereço: avenida Ceará, B-1. "Ah, fui eu que batizei essa rua. Ceará, porque é o meu estado de origem", diverte-se Orlando. No telhado de lona, a bandeirinha do Brasil "Não podemos esquecer que somos brasileiros também", completa Antonieta.

Quando não estão na escola, os filhos Vanessa, 10 anos, e Luana, 13, e Thomas Jefferson, 14, ajudam no trabalho. Mas os pais fazem questão de frisar que não abrem mão do estudo. As crianças vão a pé para o Guará, todos os dias, numa caminhada de mais de uma hora.

Já moraram na invasão da Encol, na Telebrasília e numa chácara, também invadida. Há 20 anos, Antonieta teve uma casa no P Sul, mas vendeu para tratar do filho doente. Hoje, mesmo que quisessem se candidatar a um lote não poderiam. Só Antonieta tem documentos. O marido perdeu todos.

Além dos filhos, o casal ainda abriga uma menina que, segundo Antonieta, apareceu há um

mês na sua porta. Aparentando 14 anos, não sabe dizer de onde veio, quem são seus pais e só às vezes fala seu nome: Maria de Lurdes Gomes da Silva. "Se a Justiça quiser, eu entrego. Só não posso deixá-la na rua", diz a mulher, sob o olhar perdido da misteriosa Maria de Lurdes.

Do outro lado, mais casas. Luiz Damião Alexandre, 42 anos, vive com Edilene Soares, 37. Juntos sonham juntar R\$ 1 mil e voltar para Petrolândia (PE). Chegaram há dois meses para trabalhar. Emocionada, os olhos de Edilene brilham só de pensar no dia em que terá um lar de verdade. Assim como Francisca Martins, 39 anos, ex-gari da Prefeitura de Petrolândia, que já até escolheu a cor da casa que vai conseguir construir: verde — da mesma cor da pastinha que achou no lixo e onde guarda todos os documentos.

"Acho que vão tirar a gente daqui logo", diz Edilene. Perto da invasão está sendo aberta uma estrada de acesso ao trecho 10 do SIA. O movimento das máquinas faz o chão trepidar. Enquanto isso, o jeito é esperar e, como diria Edilene, "ter fé que um dia Deus vai nos ouvir". (K.M.)